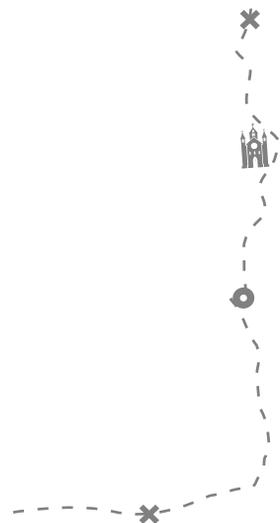




SERGIPE

UM ROTEIRO TURÍSTICO,
HISTÓRICO E CULTURAL



© Copyright 2022 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Roseilde Reis

Impressão

J Andarade

Revisão de texto

Mirela Araújo

Imagens

Google e arquivo do autor

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Cardoso, Amâncio.

C268s Sergipe: um roteiro turístico, histórico e cultural. /Amâncio Cardoso.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

136p.: il.

ISBN: 978-65-88562-53-6

1.Sergipe-Roteiros Turísticos 2. Sergipe-Aspectos Histórico-culturais

I – Título

CDU: 379.85 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

AMÂNCIO CARDOSO

SERGIPE

UM ROTEIRO TURÍSTICO,
HISTÓRICO E CULTURAL

Aracaju-SE



2022





Apresentação

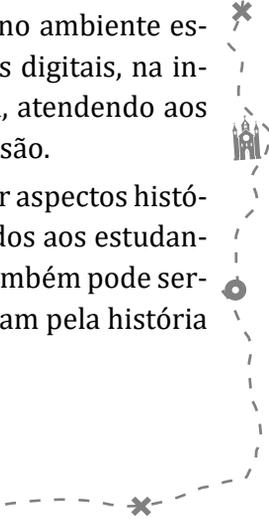
Sou professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS) desde 1994. Os textos aqui coligidos são fruto da pesquisa e da prática de ensino nos cursos da Coordenação de Hospitalidade e Lazer, e de Gestão de Turismo do IFS, onde estou lotado desde 2007.

Os escritos reunidos foram primeiramente utilizados como material didático direcionados aos alunos dos cursos de Guia de Turismo, Gestão de Turismo e do antigo curso de Hospedagem.

Além da circulação em âmbito escolar, eles também foram publicados em jornal impresso, eventos acadêmicos e mídias digitais (Facebook e Blog). Assim, os textos transpuseram o círculo da sala de aula, seu público-alvo, e alcançaram outros leitores.

Porém, esse material ficou disperso tanto no ambiente escolar, em forma de apostilas, quanto nas mídias digitais, na internet. Daí, a ideia de reuni-los nesta coletânea, atendendo aos pedidos de alunos, ex-alunos e colegas de profissão.

O objetivo deste livro é apresentar e analisar aspectos históricos e culturais significativos de Sergipe, voltados aos estudantes e profissionais de Turismo. Entretanto, ele também pode servir ao visitante e aos sergipanos que se interessam pela história e cultura de nosso torrão.



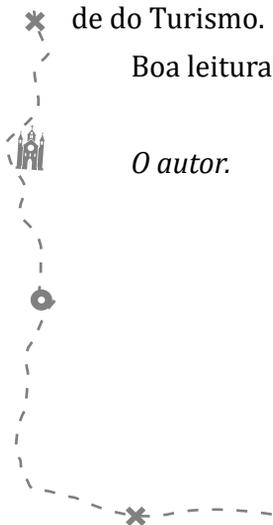
Esta obra é, pois, uma pequena e singela contribuição para divulgação e compreensão do passado sergipense e dos nossos patrimônios culturais, enfeixados em textos curtos, informativos e de temas variados.

Sergipe: um roteiro turístico, histórico e cultural se divide em duas partes. A primeira parte, “Turismo e Patrimônio Cultural”, aborda aspectos diversos dessa temática, aliando bens culturais como suporte de atração para o Turismo, tais como feiras, gastronomia, folclore, música, pintura, arquitetura e linguística. Quanto à segunda parte, “Turismo e História”, também trata de vários aspectos da História de Sergipe aplicados à atividade turística, relacionados à personagens, símbolos, monumentos, fatos e lugares.

Desse modo, o leitor encontrará nesta coletânea uma relativa variedade de temas e abordagens nas áreas das ciências sociais e humanas, vinculadas a aspectos do turismo histórico e cultural, cujos segmentos são muito significativos para a atividade do Turismo.

Boa leitura!

O autor.



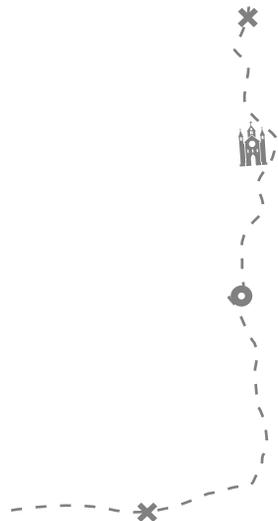


Sou grato

A minha mãe, Maria do Carmo Cardoso, que sempre me estimulou no caminho da escola e dos estudos; trilha esta que a vida não lhe oportunizou.

Ao prof. Dr. Francisco José Alves (DHI/UFS) pelo constante incentivo profissional e por partilhar, com generosidade, seus saberes.

À prof^a Me. Mirela Araújo, minha esposa, pelas pertinentes revisões textuais e pela companhia nos tortuosos e alegres caminhos da vida.







Palavras para saudar um livro

As últimas décadas têm representado um momento ímpar para os estudos sergipanos com o aparecimento de obras importantes sobre a vida do nosso Estado nos mais variados temas: História, Geografia e Cultura, formando uma bibliografia que se encontra disponível para todos os que se interessam por pesquisar a nossa trajetória e compreender o que somos.

Agora chega a minhas mãos o original *Sergipe: um roteiro turístico, histórico e cultural*, escrito pelo prof. Amâncio Cardoso, um amigo que admiro há muito tempo e que me desvaneceu com o convite para escrever esta apresentação.

Faço-o com o maior prazer.

A obra está dividida em duas partes: “Turismo e Patrimônio Cultural” e “Turismo e Cultura”, reunindo textos interessantíssimos, escritos numa linguagem simples, direta, substanciosa, seguidos de uma bibliografia cuidadosamente reunida e referenciada, permitindo ao interessado aprofundar suas observações.

Pela importância do material publicado, devo dizer a Amâncio Cardoso: você tem um lugar reservado, com destaque, na bibliografia de textos essenciais sobre Sergipe.

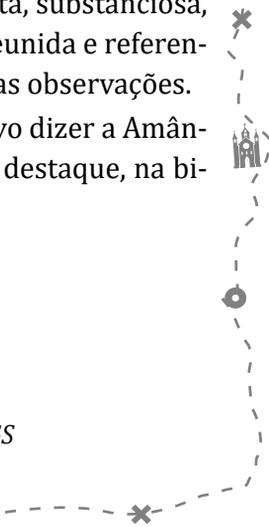
Parabéns!

Aracaju, setembro de 2021.

Luiz Fernando Ribeiro Soutelo

Membro da Academia Sergipana de Letras - ASL e

do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGS



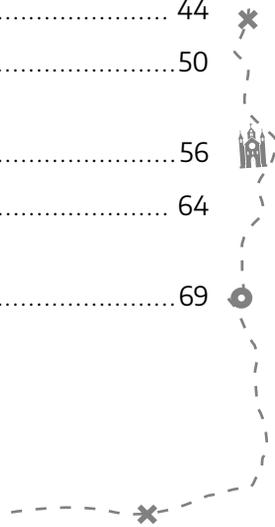




Sumário

Parte 1

Turismo e patrimônio cultural.....	13
Sergipanidade: nota sobre um conceito.....	15
Feira popular: patrimônio histórico e cultural de Sergipe.....	20
Rota da Farinha em Sergipe: nota turística e histórica.....	24
Grota do Angico: patrimônio histórico e natural de Sergipe.....	29
Um marco da Arte Moderna em Sergipe: mural de azulejos do edifício Walter Franco, 1957	32
O gado na cultura sergipana.....	38
Turismo e toponímia: o <i>Glossário Etimológico</i> de Armino Guaraná, 1916	44
Luiz Gonzaga canta Sergipe.....	50
Toada de vaqueiro: um patrimônio cultural do nordeste brasileiro	56
<i>Preciosas Brefáias do Folclore Sergipano</i>	64
A banca de cordel de João Firmino Cabral: um lugar cultural de Aracaju	69





Parte 2

Turismo e história 73

Inácio Barbosa: de que morreu o fundador de Aracaju? 75

O Marco Zero de Aracaju, onde seria? 80

O brasão de Aracaju: um símbolo da capital..... 86

Memorial da Atalaia..... 95

Topônimos da II Guerra Mundial em Aracaju..... 102

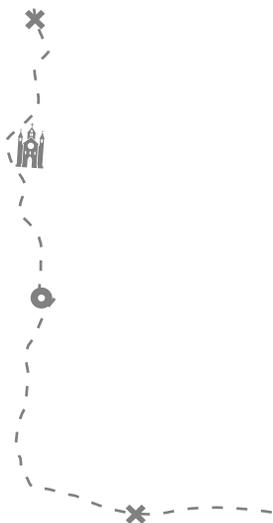
Palácios de Aracaju: nota histórico-arquitetônica..... 107

Bairro 13 de Julho, em Aracaju: uma história 114

Maruim: patrimônio da Cotinguiba..... 119

Ilha Mem de Sá: história de um atrativo
turístico no rio Vaza-Barris, SE 125

Crédito das imagens 133





PARTE

1

Turismo e patrimônio cultural







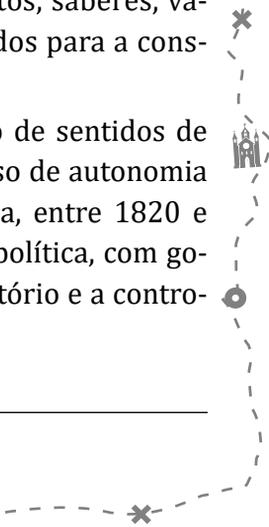
Sergipanidade: nota sobre um conceito¹

O que é ser sergipano? O que nos identifica como tal? O que é sergipanidade? Estas perguntas surgem com mais recorrência quando se aproxima o “24 de outubro”, data cívica declarada como dia da “Sergipanidade”. Portanto, vamos comentar aspectos desse conceito e mapear suas possíveis origens?

Sabe-se que, conforme antropólogos, nossa identidade cultural se constitui num repertório diferenciado de lugares, práticas, objetos, saberes, valores e crenças com que se constroem fronteiras simbólicas entre as pessoas, e com que se configuram imagens de si e do outro. Assim, esse inventário de diferenças mobiliza e reaproxima pessoas que reforçam sentimentos de participação e de pertencimento a um grupo, dentro de determinado território. Em suma, tais objetos, saberes, valores, crenças, práticas e lugares são apropriados para a construção de sentidos de identidade.

Desse modo, historicamente, a construção de sentidos de uma identidade sergipana se iniciou no processo de autonomia política da nossa Província em relação à Bahia, entre 1820 e 1824, quando Sergipe se tornou uma unidade política, com governo próprio, e passou a administrar seu território e a controlar suas rendas.

1 Texto publicado no Jornal da Cidade. Aracaju, 8 de outubro de 2020.



Nesse período, elaborou-se uma desconstrução da relação com a Capitania da Bahia. Esta relação teve início em 1590, no bojo da conquista militar pelos luso-baianos do território aborígene, entre os rios Itanhy (rio Real) e Opará (rio São Francisco) até a assinatura do decreto real de emancipação por D. João VI, em 8 de julho de 1820, há 200 anos.

O movimento de negação de ser baiano e a valorização do ser sergipano inicia-se na primeira metade do século XIX e perpassa o século XX. A partir de então, instituições, fatos cívicos, manifestações literárias e acadêmicas promoveram o sentimento e o sentido de distinção de “ser sergipano”.

Configuraram-se, por exemplo, discursos memorialísticos e de limites do território; valorizando um passado singular; criando mitos fundadores, instituições guardiãs da memória coletiva e símbolos como a bandeira, o brasão e o hino, entre outros.

Quanto aos debates e aos embates jurídico-acadêmicos sobre a “Questão dos Limites” entre Sergipe e Bahia, um de seus ápices ocorreu em 1919, quando Ivo do Prado (1860-1924), Manuel dos Passos de Oliveira Teles (1859-1935) e Francisco Lima Júnior (1859-1929), autores de livros sobre o assunto, foram designados pelo Governo para representarem Sergipe no VI Congresso de Geografia, em Belo Horizonte. A missão dos três intelectuais, ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, foi discutir o problema dos limites territoriais entre os Estados vizinhos, em face da alegada perda de terras sergipanas situadas do lado sul e oeste da fronteira com a Bahia.

Ao fim e ao cabo, a Bahia ganhou uma das questões jurídico-administrativas que mais mobilizaram os sentimentos de pertencimento dos intelectuais da pequena unidade federativa.



Fig. 1

Já no aspecto historiográfico, um livro referencial para demarcar Sergipe e os sergipanos, apresentando a singularidade de seu passado, foi a *História de Sergipe*, de Felisbello Freire (1858-1916), publicado em 1891. Foi o primeiro esforço sistematizado de síntese sobre Sergipe; desde a ocupação religiosa do território, em 1575, até a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, em 1855. A obra é uma espécie de “carteira de identidade” sergipana no campo historiográfico.

No âmbito institucional, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), em 1912, foi um marco ímpar para a reinvenção e consolidação da “Sergipanidade”. Sobretudo através da produção acadêmica de seus membros em sua revista, cuja primeira edição é de 1913. Os textos da *Revista do IHGSE*, até hoje publicados, visam preservar a memória, estudando os

aspectos histórico, geográfico e socioeconômico, com o propósito de consolidar uma identidade sergipana.

Os intelectuais do IHGSE passaram, desde o início do século XX, a publicar obras que forjaram produções discursivas sobre Sergipe, reelaborando uma identidade tanto do povo quanto do território. Vejamos alguns exemplos: Oliveira Telles (*Sergipenses*, 1903); Elias Montalvão (*Meu Sergipe*, 1916); Lima Júnior (*História dos limites entre Sergipe e Bahia*, 1918); Ivo do Prado (*A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias*, 1919); Clodomir Silva (*Álbum de Sergipe*, 1920; e *Minha Gente*, 1926); Armino Guarani (*Dicionário bio-bibliográfico Sergipano*, 1925); Prado Sampaio (*Sergipe artístico, literário e científico*, 1928); Felte Bezerra (*Etnias Sergipanas*, 1950), e Carvalho Déda (*Brefáias e Burundangas do Folclore Sergipano*, 1967). Só para ficar em alguns exemplos.

No campo linguístico, uma obra de fundo, que registra formas singulares do falar dos sergipanos, é o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS). Principiado em 1963, concluído em 1973, e publicado apenas em 1987, o ALS foi coordenado pelo professor Nelson Rossi (1927-2014), da UFBA. A pesquisa de campo para o Atlas abrangeu quinze localidades, distribuídas por cinco zonas fisiográficas do Estado, sendo o maior esforço de mapeamento linguístico em Sergipe.

Os mais recentes marcos institucionais de reinvenção de nossa identidade foi a inauguração da Fundação Aperipê, em 1985, e a instalação do Museu da Gente Sergipana, em 2010, pelo governo do Estado. Entre o final do século XX e início do XXI, essas instituições reforçaram a reelaboração simbólico-cultural do que seria a “Sergipanidade”.

Por fim, em 2001, a Secretaria Estadual de Turismo criou o dia 24 de outubro como “Dia da Sergipanidade”. Nessa data, os sergipanos celebravam a emancipação política de Sergipe, ao me-



nos desde 1836. Mas ela foi mudada oficialmente para o dia 08 de julho, através da Emenda Constitucional nº 20, de 31 de maio de 2000, a qual reza em seu artigo 269: “Será feriado estadual o dia 08 de julho, data consagrada à Independência de Sergipe”.

Nos últimos 200 anos (1820-2020), vimos que a elite intelectual e política de Sergipe forjou e reinventou, a sua maneira, discursos do que se convencionou chamar de “Sergipanidade”.

Porém, não é ilícito acreditar que é nos ofícios e práticas do cotidiano; nos saberes da cultura popular e/ou erudita; nos lugares consagrados pela memória coletiva; nas crenças e valores representados nas formas de expressão; enfim, nas celebrações de rituais e festas que marcam a vivência coletiva, nos quais cotidianamente se reelaboram, material e espiritualmente, essa abstração do que entendemos como “Sergipanidade”.

Referências

ALBUQUERQUE, Samuel. Emancipação cultural de Sergipe. Disponível em: <<http://www.primeiramao.blog.br>>. Acesso em: 19/09/2019.

AZEVEDO, Denio Santos; TECHIO, Elza Maria; LIMA, Marcus Eugênio. Identidade regional e memória coletiva em Sergipe. *Revista Ponta de Lança*. São Cristóvão, v.5, n. 10, abr. - out. 2010. p. 25-45.

BRASIL/MINC. *Inventário nacional de referências culturais*: manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2000.

FREITAS, Itamar. *Historiografia sergipana*. São Cristóvão: Edufs, 2007.

IPHAN. *Educação Patrimonial*: Manual de aplicação. Brasília, DF: Ceduc, 2013.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota *et al.* *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

